

Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas

CLÓVIS STEIGER DE ASSIS MOURA

São Paulo: Anita Garibaldi, 2014, 452p.

Mário Augusto Medeiros da Silva*

Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2003) gestava desde 1948 um projeto de pesquisa que publicou como *Rebeliões da senzala*, em 1959. A reedição dessa obra histórica merece a atenção dos leitores marxistas e dos interessados na história da luta de classes no Brasil.

Naquela ocasião [1959], ele já era um militante comunista conhecido, que procurava aliar reflexão marxista angulada pela questão racial. Até mesmo os meios repressores já haviam tomado conhecimento dele, como mostra sua ficha remissiva depositada no Arquivo Público do Estado de São Paulo, no Acervo Deops. Em 11 de junho de 1952, seu nome figura no relatório do “S.S. – São Paulo: Assuntos Gerais sobre Serviço[...] Investigações procedidas sobre atividades comunistas de diversas cidades do interior”. Essa primeira citação trata da publicação da revista *Flama*, na cidade de Araraquara, da qual ele era dirigente e principal editor; Moura além de outros “elementos ali conhecidos e tidos como comunistas”.

A repressão queria saber o que Clóvis Moura fazia ali no interior paulista, uma vez que chegara da Bahia. A resposta da polícia política foi de que ele era “funcionário da Delegacia Federal de Imposto de Renda, líder comunista, secretário da Organização do Comitê Municipal do PCB de Juazeiro [...] candidato de Prestes à Câmara Federal, sob a legenda do PCB, cujo registro fora posteriormente

* Professor do Departamento de Sociologia da Unicamp. E-mail: marioaugustomedeiros@gmail.com.

cassado pelo T.R.E.”. Também foi do interesse do Deops-SP anotar na ficha de Moura que, em março de 1953, ele e outros militantes comunistas do jornal *Hoje* teriam transmitido ao Comitê Central da URSS suas condolências pela morte de Stálin, bem como sua confiança na capacidade diretiva de Gyorgy Malenkov.

Rebeliões da senzala, portanto, surge no esteio de um trabalho já iniciado com as práticas das lutas sociais e num momento difícil e muito vigiado da militância partidária institucional, em nível nacional e internacional, que levaria a reconfigurações. Além disso, o primeiro livro do autor no âmbito da investigação historiográfica vinha acentuar o papel protagonista do escravizado e incomodar parte do consenso do pensamento social brasileiro acerca do lugar do africano e do negro na composição das lutas nacionais. O negro que figura neste livro, ainda no período colonial e imperial, não é apenas peça e força de trabalho; muito menos um elemento degenerado racialmente ou elemento passivo da formação social. É um agente rebelde, um sujeito ativo da dissolução do modo de produção escravocrata. Isso não somente pelo lado da intensa contribuição cultural, como já havia enunciado Gilberto Freyre, mas por ter sido o africano, na sua visão, capaz de dominar seu colonizador, além de modificar estruturas importantes da vida social, privada e pública. Clóvis Moura destaca a ação e organização política, a dimensão da revolta e da insurreição, a ênfase do antagonismo, nada em equilíbrio, entre *senhores* e *escravos*.

Acentuar o peso político no desequilíbrio de antagonismo colocaria em xeque, na análise de Moura, a principal decorrência analítica de seu oposto sociológico: *a crítica ao princípio de democracia racial* ou de equilíbrio das relações sociais racializadas à brasileira. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições e guerrilhas*, fosse no título ou no subtítulo, demonstrava exatamente o contrário; descrevia a ação política insurrecional em diferentes lugares do Brasil, explicitando um sujeito e sua unidade de ação (o quilombo, que também figuraria como uma espécie de cidade-Estado) com um fim a ser alcançado: nada menos, muitas vezes, que a liberdade dos pares. Ou, ainda, nada menos que a destruição do antagonista imediato. Assim, tratava-se de obra que analisava o passado colonial e imperial; mas como boa parte das outras que compõem o pensamento social brasileiro, dizia muito sobre o cenário de pós-abolição republicano. A diferença é que dizia algo angulado pela ótica e ação do negro, fundamentalmente.

É verdade que já no começo dos anos 1950 a tese da passagem do escravo ao cidadão já havia sido criticamente tematizada por Roger Bastide e Florestan Fernandes, sendo também acentuado o aspecto da luta social e da organização política negra. Mas o problema maior em *Branco e negros em São Paulo*, dos dois autores, é o pós-abolição e o momento da constituição da cidadania. Em *Rebeliões da senzala*, a luta social é acentuada já no período colonial e imperial, etapas que Moura insere os “Escravos nos movimentos políticos”, um capítulo interessante e importante, tanto de sua obra como da experiência social brasileira. A hipótese da *passividade* de homens e mulheres escravizados é colocada em

xeque ao se passar em revista movimentos revoltosos e insurgentes, que contam com sua participação intensa desde o fim do século XVII, pelo menos.

A constatação de tal fato leva o autor a refletir acerca dos “Quilombos e guerrilhas” como espécie de unidade básica de resistência do escravo. Aqui o autor vinha somar-se a Édison Carneiro, outro intelectual negro importante que já em 1947 havia publicado estudo distintivo sobre a importância daquela forma de resistência e organização escrava em seu *O quilombo dos Palmares*. Moura segue a mesma direção, acentuando o caráter da expansão da “forma quilombo” como unidade de resistência, organização e combate político em diferentes regiões do país. Palmares, então, é um ápice histórico e historiográfico, mas estaria longe de ser algo isolado. São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Goiás, Pernambuco, Sergipe, entre outras, são localidades com a existência documentada de quilombos, bem como sobre a dificuldade de combatê-los.

O autor, manejando com cuidado e rigor fontes históricas diversas à disposição em seu tempo, procurará demonstrar sua hipótese da capilaridade da forma quilombo, pelo território nacional. Fosse na ocupação do sertão ou em regiões onde a mão de obra escrava se apresentava de maneira mais intensa, como São Paulo, há um esforço de compreensão das formas de organização do escravizado, as alianças construídas e suas contradições, bem como da explicação das formas de luta daquele sujeito, manejando armas manufaturadas ou de fogo. A narrativa de Moura é envolvente em torno do papel desempenhado por esses sujeitos, envidando esforços para iluminar o escravizado como protagonista de suas ações.

Algumas lacunas das fontes ficaram pelo caminho e foram, com o avanço da historiografia, sofisticadas pelas pesquisas posteriores sobre a escravidão, as formas de solidariedade e organização escravas, a complexidade da sociedade escravista e o detalhamento da insurgência nas senzalas. Publicada em 1959, a obra de Moura é de importância ímpar, somando-se a esforços progressistas de reavaliação do africano e seus descendentes negros na vida nacional, dissolvendo com força o mito da sua passividade. Concordando com a tese de que o Brasil sempre foi produto da exploração capitalista, analisou os conflitos entre *senhores e escravos* como exemplares de uma verdadeira *luta de classes*, dentro do modo de produção escravista. Vinha de encontro ao mito das relações harmoniosas e à tese da ausência de preconceito racial, uma vez que o “bom escravo” teria sempre sabido do seu lugar. *Rebeliões da senzala* é uma análise distintiva, organizada e importante, merecendo sua quinta reedição pela Anita Garibaldi, que mantém a marca de, na capa, figurar a imagem de um insurgente rebelde em luta pela liberdade, como o negro historicamente almejou ser e Clóvis Moura quis demonstrar.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Ainda a teoria marxista da história

Vivek Chibber

A abolição da família monogâmica

Sergio Lessa

O (re)começo do marxismo althusseriano

Luiz Eduardo Motta

Lenin e a questão agrária

Ligia Osório

Entrevista com Domenico Losurdo

35